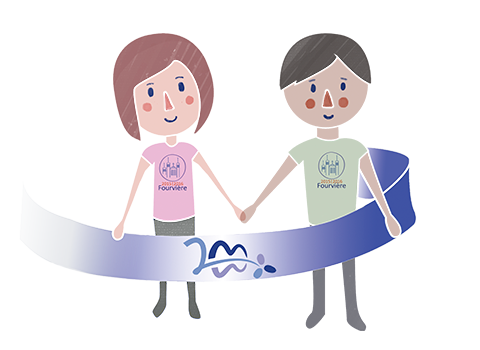
N

OVO COMEÇO

Esse termo, relativamente recente, começou a ser utilizada no Instituto marista pelo Ir. Emili Turú, SG. Em sua carta “*O futuro tem um coração de tenda”* disse que “no início do terceiro milênio falamos do desejo de um *novo começo* para o Instituto”[[1]](#footnote-1). O XXI Capítulo Geral expressou muito bem o conteúdo dessa expressão quando falou de um novo tempo para o carisma marista, de ir para uma nova terra, de uma vida consagrada nova, de novo relacionamento, de uma nova identidade do irmão, de novos estilos de comunidade, de novas formas de evangelizar e educar... Isso manifesta a novidade de todo nascimento, a novidade de uma nova vida marista[[2]](#footnote-2).

A expressão parece nos dizer que, se queremos conservar a vida, é preciso mudá-la, caso contrário “a perderemos”[[3]](#footnote-3). Por isso, o Papa Francisco falou de “uma Igreja em saída”, uma Igreja de portas abertas[[4]](#footnote-4), sempre na dinâmica do êxodo, de sair de si, de um caminhar sempre novo[[5]](#footnote-5). O Papa nos convida a não ficarmos ancorados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são canais de vida no mundo atual[[6]](#footnote-6). Nova estrutura, nova expressão do Evangelho[[7]](#footnote-7).

Cada etapa crítica da história, em que o ser humano muda a maneira de entender a si mesmo e suas relações com o mundo e o transcendente, vai delineando novos perfis de vida e novas coordenadas para a vida religiosa e as instituições eclesiais, isto é, vive-se o desafio de um *novo início.* A partir do Vaticano II, foram repetidamente usadas as expressões “renovação”, "*aggiornamento”,* “volta às fontes”... O Ir. Basílio Rueda fez eco, em suas circulares, dessas chamadas do Concílio[[8]](#footnote-8). O XIX Capítulo Geral empregou o termo “refundação”[[9]](#footnote-9). E foi o Ir. Benito quem desenvolveu o conceito[[10]](#footnote-10). Refundar, dizia ele, é reorientar efetivamente o Instituto na linha das instituições e intenções que teve o Fundador nas origens da Congregação. Isso implica recuperar os elementos que dão originalidade ao carisma para atualizá-lo no momento histórico atual e nos diversos contextos culturais em que o Instituto está implantado.

O *novo começo* supõe aceitar que a morte faz parte da vida e que esse processo acarreta sofrimento verdadeiro; implica assumir uma atitude de provisoriedade, de temporalidade, de adaptação, de viver na intempérie, mas também de acolhida, de relação; reivindica criatividade, imaginação, novidade.

Assumir *um novo começo* exige: apropriar-se do coração do Fundador e sentir o chamado de Deus no momento presente; valer-se de seus olhos para vislumbrar com amor o mundo de hoje e as urgências que exigem uma ação semelhante à que empreendeu em 1817; empenhar-se em encarnar, com uma linguagem nova, os mesmos valores que ele desejou para seus irmãos; empreender projetos que possam ser mais fieis às instituições e intenções fundacionais; despojar-se de tudo o que afasta dessa fidelidade, embora o que estamos fazendo é bom e plausível para um setor da sociedade[[11]](#footnote-11).

A expressão *“novo começo”* convida a não repetir, a sair da rotina e da inércia e evitar estruturas que levam mais à conservação do que à conversão. Convida para percorrer caminhos de fecundidade generosa, criativa e feliz[[12]](#footnote-12). O seguimento de Jesus, que irmãos e leigos partilham, nos tornam *buscadores e exploradores.* “Mover-nos, desprender-nos, assumir um itinerário de conversão”, propôs o XXI Capítulo Geral. É o deslocamento que Maria e Champagnat viveram. É “remar mar adentro” e “atingir outra praia”, como assinala Jesus. É a experiência de peregrinação e busca; experiência de medo e admiração, de hesitação e confiança. É assumir a condição de itinerantes. Como observa David Weinbaum: “O segredo de uma vida rica é ter mais começos do que finais”.

1. Emili Turú, em *O futuro tem um coração de tenda*, p. 11, Roma. 2014. Ele assim se expressa: “As circunstâncias vividas pela Igreja universal nos últimos 50 anos nos fazem pressentir que também nós, como Instituto, encontramo-nos em um período de novo começo, de modo semelhante a outros que se viveu no passado”. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Em torno da mesma mesa*, 169: “Como leigos maristas, envolvemo-nos, junto com os irmãos, em novas e audaciosas iniciativas de formação. Temos diante de nós o desafio de *ajudar a nascer a aurora* de uma nova vida marista e fortalecer a que existe, tornando-a mais criativa, fiel e dinâmica. O futuro dependerá de nossa resposta.” [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. Mt 16,25; Mc 8,35; Lc 17,33; João 12,25; Atos 12,11. [↑](#footnote-ref-3)
4. Cf. Evangelii Gaudium 46. O Ir. Emili fala da “sensibilidade de muitas pessoas que sonham com uma Igreja diferente”, em *Deu-nos o nome de Maria”*, p. 45, Roma, 2012. [↑](#footnote-ref-4)
5. Cf. Evangelii Gaudium 20. [↑](#footnote-ref-5)
6. Cf. Evangelii Gaudium 108. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. Evangelii Gaudium 73. [↑](#footnote-ref-7)
8. Entre suas circulares, destacamos a Circular 370, Vol. XXIV, Nº 4, Roma, 1968. [↑](#footnote-ref-8)
9. A “Mensagem” do XIX Capítulo Geral conclui com este convite: “Contamos contigo para essa refundação do Instituto”. [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf. Benito Arbués, na Circular*Caminhar em paz, mas depressa*. Roma, 1997. [↑](#footnote-ref-10)
11. Idem. [↑](#footnote-ref-11)
12. Exortação apostólica *Vita consecrata,* João Paulo II*: “Reproduzir com valor a audácia, a criatividade e a santidade dos fundadores como resposta aos sinais dos tempos que surgem no mundo de hoje*” (VC37). [↑](#footnote-ref-12)